

CAPÍTULO XXVII

A Crise Intelectual da Esquerda

Há uma crise política na esquerda francesa, definida pela ruptura entre os comunistas e os socialistas. Mas existe também uma crise intelectual não apenas dentro da esquerda francesa, mas de toda a esquerda mundial, a partir da decepção e em seguida a indignação com o regime estatal soviético.

Esta segunda crise é mais profunda e muito mais significativa do que a primeira. O problema colocado pela falta de um acordo em relação ao programa comum da esquerda poderá levá-la a perder o Governo embora ganhe as eleições no primeiro turno. Perderá o governo porque principalmente os eleitores do Partido Socialista, quando no segundo turno tiverem que escolher entre um candidato de direita e um comunista, escolherão muitas vezes o primeiro devido ao rompimento da união de esquerda.

Não importam as razões que levaram o Partido Comunista Francês a romper o acordo. Tudo indica que eles romperam porque no caso de uma vitória não apenas os principais postos governamentais ficariam com os socialistas, mas também sua força eleitoral reduzir-se-ia, em face ao inchamento do Partido Socialista, transformado em partido governamental. O certo é que, com o rompimento, a esquerda revelou-se despreparada para governar. Tem condições de ganhar as eleições. Conta

com a maioria do eleitorado. Mas não é capaz de chegar a um acordo satisfatório sobre a forma de governar.

Uma segunda interpretação possível é a de que o rompimento da união da esquerda está relacionado estruturalmente com a sua crise intelectual. Conjunturalmente sem dúvida há outras razões. Mas em um nível de abstração mais geral é provável que as duas crises estejam relacionadas.

A crise intelectual da esquerda começou há muito tempo. Se não quisermos voltar aos processos de Moscou dos anos trinta, teremos a invasão da Hungria em 1956 e a da Tcheco-Eslováquia em 1968 como marcos do progressivo desmascaramento do regime pretendidamente socialista da União Soviética. Mas foi nestes dois últimos anos, a partir do crescente rompimento dos partidos comunistas europeus com a União Soviética, que a crise ganhou os contornos atuais. Os comunistas, apesar de todos os percalços porque têm passado, continuam a representar uma das bases da esquerda. Em relação aos socialistas há sempre a suspeita de que não se trata de verdadeiro socialismo mas de social-democracia. Se os partidos comunistas fraudaram o socialismo burocratizando-se, os partidos socialistas muitas vezes também cometeram a mesma fraude, apenas que em favor da burguesia e, sem o saber, da própria tecnoburocracia.

Caberia perguntar porque foi preciso tanto tempo para o desmascaramento da União Soviética. Provavelmente as origens legitimamente marxistas e socialistas da revolução de Lenine e Trotsky ajudam a explicar este fato. Por outro lado é certo que não apenas a esquerda socialista há muito criticava a União Soviética, mas também grupos radicais de esquerda o faziam, em especial os anarquistas, os trotskistas e os maoístas. Estes, entretanto, depois da morte de Mao e da retomada do poder pela burocracia chinesa, estão diante de sua própria crise. Os outros grupos, por sua vez, ou são também de expressão numérica reduzida, como é o caso dos trotskistas e dos anarquistas, ou nem sempre merecem muito crédito como é o caso dos social-democratas devido ao caráter efetivamente capitalista de grande parte de sua ação política. O certo é que, para os comunistas, houve uma imensa demora em dessacralizar a União Soviética. Para todos os crimes e violações dos direitos dos homens e dos povos que ali ocorriam havia desculpas,

explicações. E contra-ataques, muitas vezes justos, ao capitalismo estavam sempre à disposição. Na verdade, a força do pensamento marxista-leninista, que Stalin, ainda que deturpando-o, soube conservar como ideologia oficial soviética, tem um papel importante nesse processo. Romper com a União Soviética significava para muitos romper com o marxismo, que era o único pensamento crítico do capitalismo realmente de alto nível. Por outro lado, o apoio que os partidos comunistas recebiam da União Soviética, com base na III Internacional, dificultava o rompimento.

Não há dúvida, entretanto, que hoje esse rompimento está em marcha. É tolice supor que se trata de uma simples estratégia para enganar os eleitores democráticos ou para permitir alianças com partidos socialistas. A invasão da Tcheco-Eslováquia, as denúncias dos dissidentes, o fenômeno Soljenitsyne, de um lado, incitavam a esquerda a rever sua posição. Por outro lado, o conservadorismo dos partidos comunistas na revolução de maio de 1968, na França, ou em relação aos movimentos guerrilheiros no terceiro mundo mostrava que os partidos comunistas haviam de tal forma se institucionalizado em seus respectivos países que não havia mais condições para um discurso revolucionário, o qual entretanto continuava a ser mantido oficialmente.

Agora que as transformações estão em marcha, podemos definir a crise intelectual da esquerda não a partir de impasses, mas de uma série de mudanças ideológicas significativas. Estas mudanças ou passagens não são feitas sem dificuldades, hesitações, contradições. Mas na medida em que elas ocorrem elas constituem uma abertura decisiva da esquerda para a solução de seus problemas e a obtenção do poder político. Em outras palavras, a crise, que hoje dificulta a esquerda a assumir o poder, provavelmente acabará a médio prazo por fortalecê-la, na medida em que as transformações ocorram no sentido previsto, ou seja, no sentido de negar à União Soviética qualquer caráter de modelo para a transição ao socialismo.

Em primeiro lugar temos a passagem da ditadura do proletariado para a via democrática. A ditadura do proletariado está na base da estratégia leninista de tomada do poder. A democracia ocidental, por sua vez, era depreciada com o título de democracia burguesa. Aos poucos, porém, a esquerda

vai-se apercebendo que a democracia pode ter sido exclusivamente burguesa no início, mas hoje, nos países capitalistas centrais, já é o fruto da luta de muitos trabalhadores, que a incluem entre suas conquistas. Por outro lado, a ditadura do proletariado tem sido a melhor desculpa para a tomada do poder por tecnoburocracias totalitárias.

Concomitantemente, temos a passagem da perspectiva revolucionária para a perspectiva reformista. Se a democracia deve ser preservada, a revolução só será necessária quando não houver uma democracia liberal vigente. Vai-se tornando cada vez mais claro para a esquerda que a via normal para o socialismo não é a revolução, mas a reforma. Só a revolução poderá levar ao socialismo, dizia-se há pouco. Mas a experiência foi demonstrando que revoluções prematuras, sem que os trabalhadores tivessem suficiente conscientização política para defender seus interesses, levavam à formação de uma elite tecnoburocrática, de origem política e militar, tanto nos países centrais quanto periféricos. Por outro lado, chegar ao poder pela via revolucionária parece cada vez mais longínquo nos países centrais. A reforma recupera assim seu prestígio. Uma reforma que deverá ser mais rápida e corajosa do que a reforma social-democrata, que deverá partir da existência da luta de classes, mas que não poderá sair da via legal. É claro que no discurso oficial ainda se continua a falar em revolução, mas, nas palavras de Jean Elleinstein, um dos mais representativos ideólogos do Partido Comunista Francês, no ocidente “a revolução não pode ser senão democrática, legal, pacífica e gradual” (*Le Monde*, 23/11/77). Ora, isto é o mesmo que dizer que a revolução será feita através da reforma.

Em terceiro lugar temos a passagem do estatismo à autogestão. Embora Marx e Engels e o próprio Lenine tivessem denunciado sob todas as formas o Estado, este, para o estalinismo, transformou-se em agente por excelência da transição ao socialismo. Na verdade, o imenso crescimento do Estado é muito mais o caminho da burocratização da sociedade do que da sua socialização. A estatização das empresas, que sempre foi temida pela burguesia, começa agora também a ser temida pela esquerda. A crítica ao Estado retoma vigor entre os socialistas, ao mesmo tempo que as propostas autogestionárias, que durante muito tempo foram consideradas heréticas

pelos partidos comunistas, são agora aceitas cada vez com maior entusiasmo. A autogestão aparece como a única alternativa ao mesmo tempo ao capitalismo burguês e ao estatismo tecnoburocrático.

Finalmente, assistimos à passagem da ortodoxia marxista para a crítica marxista. O pensamento de Marx continua ainda a ser a base de toda a crítica ao capitalismo, mas cada vez menos se procura discutir os problemas a partir de uma hermenêutica de Marx e cada vez mais a partir de uma crítica de problemas concretos, com utilização dos instrumentos marxistas de análise que sejam úteis. A ortodoxia marxista é aquela atitude que aparece quando dois autores procuram mostrar que estão certos a partir de uma interpretação de textos de Marx. A crítica marxista discute o mais objetivamente possível o problema, a partir de um método dialético e histórico.

Neste campo, entretanto, mais do que nos anteriormente citados, a passagem de uma para outra posição está longe de se haver completado. Em decorrência, a crise intelectual da esquerda continua vigente.

A maior dificuldade que a esquerda encontra está em conceituar o regime soviético. Aos poucos vai percebendo que não se trata de socialismo, embora alguns, como os trotskistas, em face à inexistência de propriedade privada dos meios de produção, insistam em falar “socialismo burocrático” ou “socialismo degenerado”. Outros, mais numerosos, falam em “socialismo de Estado”. Mas como pode haver socialismo em uma formação social dividida em classes? Outros ainda falam em “capitalismo de Estado”. Mas que capitalismo é esse em que a relação de produção básica desse modo de produção — a propriedade privada dos meios de produção — desapareceu? Na verdade, enquanto a esquerda não descobrir que o que assistimos na União Soviética é a constituição de um novo modo de produção — o modo estatal de produção — ela continuará confusa.

E esta mesma confusão reaparece quando se trata de conceituar a nova classe dominante soviética. Um “estamento burocrático” dizem alguns ou uma “casta burocrática” preferem outros. Mas como podemos ter um estamento que tem o papel de classe dominante? Ou falar em casta em uma sociedade moderna onde há ampla mobilidade social? “Burguesia

de Estado” dizem outros. Mas como podemos ter burguesia sem burgueses nem capital? Por que não constatar que realmente se trata de uma nova classe, que podemos chamar ou burocracia ou tecnoburocracia, definida em termos das novas relações burocráticas de produção que se tornaram dominantes na União Soviética?

Em relação a esses problemas a esquerda encontra-se ainda muito confusa. A atitude ortodoxa em relação ao marxismo ainda dificulta o uso de sua imaginação e de sua capacidade crítica. Mas a abertura para um pensamento crítico e inovador dentro da esquerda, na França, na Itália, na Europa em geral, é hoje muito maior do que há apenas alguns anos atrás. A esquerda se reencontra com a democracia. O capitalismo e o estatismo, a burguesia e a tecnoburocracia são criticadas a partir de uma perspectiva não economicista, não determinista, da história. Sem cair nos riscos da utopia nem no atoleiro do determinismo, a esquerda recoloca os objetivos de uma sociedade mais justa, mais igual e mais livre. Usando com mais liberdade os instrumentos de análise econômica e política para criticar as formações sociais dos países ocidentais, predominantemente capitalistas, mas crescentemente tecnoburocráticas ou estatais, ela tem ou terá novas e redobradas possibilidades de intervenção na história. Mas os obstáculos nesse caminho ainda são grandes. A infiltração de ideologias e práticas tecnoburocráticas no seio da esquerda ainda é sensível. O Partido Comunista Francês, por exemplo, é ainda uma organização burocrática autoritária internamente. Será difícil lutar pela democracia sem antes mudar dentro de sua própria casa. A esquerda está cada vez mais consciente dos riscos da burocracia, mas está sempre ameaçada de ser seu instrumento, já que ainda há muitos tecnoburocratas autoritários e elitistas que pretendem identificar-se com a esquerda. Sempre a esquerda soube que para chegar ao socialismo deveria combater o capitalismo, agora se tornar cada vez mais claro que é necessário também lutar contra o estatismo tecnoburocrático.

(Folha de S. Paulo, 2 de fevereiro de 1978, escrito em Paris enquanto professor visitante do Institut d'Études du Développement Économique et Social, Universidade de Paris I, Pantheon-Sorbonne.)